

lijão de Quintella, freguesia de Paço; constituem aros de fivelas (sobre estas vid. o artigo do Sr. José Fortes n-*O Arch. Port.*, vol. IX, pag. 4 sqq.): infelizmente estão quebrados nas extremidades, e faltam-lhes os fusilões.

Todos estes objectos os offereci ao Sr. Leite de Vasconcellos para o Museu Ethnologico Português¹.

Bragança.

CELESTINO BEÇA.

Antiguidades monumentaes do Algarve

(Continuação. Vid o *Arch. Port.*, x, 6)

CAPITULO IV

Summario

Revista geral, perante as cartas archeologicas do Algarve, dos caracteristicos que abonam a existencia das populações que em diferentes idades occuparam aquelle territorio.—Começa-se pelo concelho de Aljezur e termina-se no de Alcoutim.—Os ritos religiosos do Promontorio Sagrado (Cabo de S. Vicente); a lenda referida por Estrabão.—Duvidas que occorrem acêrca do sentido que deve ter a interpretação.—Declara-se a região do Cabo Sagrado como estação humana desde tempos remotissimos.—Nota-se em toda a circunscrição de Lagos grande diffusão de caracteristicos neolithicos, das successivas idades prehistoricas, os da serie das sociedades historicas.—Com os mesmos caracteristicos se desenvolve o mesmo tracto de terra entre a ribeira de Odiáxire e a do Boia, comprehendendo as do Arão, do Farellão, do Verde, e as aguas do Alvor.—Notam-se dois grandes centros de população prehistorica, occupados pelas invasões historicas.—Derivação que fez uma parte da população seguindo o rumo das minas cupriferas.—Necropoles que ali fundaram.—Nome indigena de uma cidade, que ainda existia no primeiro seculo.—Ignora-se o nome dos outros centros povoados já em tempos historicos.—Nota-se que as primitivas invasões phenicias e gregas nada actuaram na feição geral industrial das populações do Algarve.—Falta de caracteristicos especiaes para se poderem distinguir essas invasões.—Mostra-se que a transição dos tempos prehistoricos para os historicos foi lenta, consecutiva e insensivel.

O meu processo de inquirição para o reconhecimento dos mais importantes centros outrora povoados, baseia-se nas duas cartas archeologicas do Algarve.

¹ Os desenhos que serviram para as estampas foram feitos pelo Sr. Guilherme Gameiro, desenhador do Museu Ethnológico.

Começarei pelo concelho de Aljezur.

Desconheço a etymologia da palavra *Aljezur*: parece que o prefixo *al* é arabe. A este respeito diz Fr. João de Sousa (*Vest. da ling. arab.*): «O artigo *al* he uma particula inseparavel, isto hé, nunca se acha só na oração, mas sempre prefixa a algum nome substantivo, ou adjectivo; e serve para todos os generos, numeros e casos». Fr. João de Sousa escreve *Algesur* e diz significar «arcada», ou «arcos». O nome, emfim, pode ser arabe, mas tambem poderá ter sido desfigurado e ageitado á lingua arabica, como succedeu a todos os outros nomes geographicos do Algarve. . . .¹ O caso é que os Arabes já acharam muitas povoações e vestigios de outras em toda a circunscrição de Aljezur, como em suas respectivas epocas irei mostrando. Houve portanto ali um seguimento de populações em varias idades desde os tempos prehistoricos. Como se appellidavam?

Só algum monumento epigraphico, semelhante aos que descobri em Bensafrim, poderia talvez esclarecer esta questão geographica, se houvesse a fortuna de se descobrir naquelles terrenos em alguma futura exploração, e chegasse a ser lido de modo que não deixasse duvidas; e eu creio que não deixará de as haver.

Parece ter havido naquelle tracto de terra uma não interrompida successão de povoações.

Lá temos o grandioso monumento neolithico já estampado e descripto no primeiro volume d'esta obra, assim como figurados os seus preciosos e abundantes instrumentos de pedra, as suas bellissimas placas de schisto local ornadas de gravuras², os seus ornatos de osso, famosas facas, frechas e serras de silex, nucleos de cristal de rocha, admiraveis pontas de lança triangulares de silex, louças e outros arte-

¹ [A respeito da etymologia de *Aljezur* vid. os artigos dos Srs. Seybold e David Lopes n-*O Arch. Port.*, viii, 123 sqq. — J. L. de V.].

² No verso de uma das grandes placas ha uma planta topographica representando um acampamento com cabanas, defendido por palissadas e communicado por varios caminhos. Por lapso deixei de mencionar esta importantissima gravura quando tratei das placas de schisto. Tal era o estado de cultura intellectual a que tinha chegado aquelle povo!

[Esta placa de schisto não a encontro na collecção algarvia do Museu Ethnologico. Supponho que é a mesma de que se falla n-*O Arch. Port.*, vii, 157 (nota), desaparecida de Cabanas. Pena foi que d'ella não deixasse Estacio ao menos um desenho. — J. L. de V.].

factos; mais adeante cavernas artificiaes de habitação, já revelando a industria da exploração do cobre com duas excellentes lanças; a pouca distancia as minas cupriferas que os homens neolithicos ali exploravam, e finalmente as bancadas de schisto ardoso em Cortes-Cabreira, exploradas pelos homens que já viviam na idade do cobre, e de que extrahiram todo o lageado das sepulturas com que formaram as suas necropoles na Arregata e nas Ferrarias. Essa população, embora não apparecesse caracterizada na idade do bronze e na primeira do ferro, não se extinguiu, porque ainda na epoca romana ali se acham os exploradores que andaram sempre no rasto dos antigos centros povoados para utilizarem tudo quanto pudesse captivar a sua desordenada cubiça.

Nas ruínas da antiga igreja matriz, destruida pelo terremoto de 1755, mais de uma vez se tem achado restos de construcções romanas e moedas de varios povos. Outros pontos são citados pela *Chorographia do Algarve* com largos vestigios de habitação, sendo um d'elles em sítio alto, sobranceiro ao mar. Naquelle sítio ainda se reconhecem as ruas, ruínas de muitos edificios e uma larga parede de argamassa que protege o regime das aguas de uma famosa nascente, ao passo que no sítio do Vidigal ha igualmente largos vestigios de grande povoação; mas como não era possivel ahi chegar a exploração archeologica, ficaram essas ruínas sem reconhecimento, e por classificar.

Lá chegaram tambem os *Barbaros do Norte*, porque numa escavação particular appareceram numerosas moedas visigoticas, que logo foram compradas por um ourives de Lagos, por este transmittidas a outro do Porto, sendo finalmente vendidas em Paris.

A irrupção arabe, ou antes mahometana, foi a que mais assinalada ficou. Um castello de robustas muralhas, de fórma octogonal, occupou o cabeço de um serro, tendo por defesa e vigias duas torres fronteiras. Dentro do castello foi construida uma espaçosa e perfeita cisterna, assim como casaria de habitação de encosto ás muralhas.

Tudo será representado e descripto quando especialmente se tratar da epoca mahometana.

Mas que nome indigena acharam os Romanos quando ali chegaram e logo depois os Wisigodos e finalmente os Mahometanos? A cidade d'aquelles *Celtas* havia de ter um designativo qualquer. Seria o de Aljezur?... Enquanto as provas archeologicas não surgem, a philologia que resolva este problema, se para tanto chegam os seus poderosos recursos.

Advirta-se desde já que os cranios observados no grande monumento neolithico de Aljezur eram dolicocephalos, como preveni no primeiro volume.

Desçamos agora de Aljezur até o concelho de Villa do Bispo, passando pelo Monte Amarello.

Escusado é citar as terras indicadas nas cartas. O que serve é simplesmente observar os mesmos característicos e sobretudo o grande incentivo da industria cuprifera que ali manteve uma população, igualmente dolicocephala, como a do norte, segundo as mais escrupulosas informações a este respeito recebidas. Era pois o mesmo povo, com o mesmo typo ethnico, que habitava toda aquella faixa litoral desde Odeseixe até o Promontorio Sagrado.

Todo aquelle territorio teve sempre habitantes, pelo menos, desde a ultima idade da pedra, com excepção dos escampados mais agrestes e batidos das tempestades do mar, ainda hoje desertos e abandonados.

É mui provavel ter ali havido um importante centro de população, como em Aljezur; pois assim o persuadem os numerosos instrumentos neolithicos e uns certos vestigios de habitação de base circular, que tem manifestado o Monte Amarello.

Além d'isto, ninguem deixará de perceber que a vasta necropole da primeira idade do ferro nos campos de Bensafrim deve ter correspondido a uma população assás numerosa.

Não percamos porém de vista a ultima extremidade de terra occidental, a que deram o nome de Promontorio Sagrado, talvez em razão de uns antigos ritos religiosos que ali eram praticados.

A lenda correspondente a esses ritos refere Estrabão¹. Já noutro logar d'esta obra falei neste assunto. O caso, segundo o pintam, é muito simples. Estrabão diz que Artemidoro nega como testemunha ocular a existencia de um templo naquelles logares, consagrado a Hercules ou a qualquer outra divindade, como falsamente Ephoro tinha affirmado. O que Artemidoro ali viu eram grupos isolados de tres a quatro pedras, que os visitantes, para obedecer a um preceito local, *voltavam ora de um lado, ora do outro*, depois de sobre ellas terem feito certas libações. A isto acrescenta Estrabão não serem permittidos sacrificios naquelles sitios nem visitantes durante a noite por ser então que os deuses ali se reuniam, e por isso os visitantes eram obrigados a pernoitar num povoado proximo, porque antes do raiar do dia não podiam entrar no Cabo Sagrado.

¹ Geogr., I. III, c. I, 4.

Das narrativas do geographo grego não se pode deduzir a que epoca se refere essa instituição religiosa, nem até que tempo permaneceu.

Eu tenho muitas duvidas, como já noutro logar expressei¹, acêrca do sentido que se deu ao costume de *voltar as pedras ora de um lado ora do outro*, não obstante as interpretações de Müller, e outros; pois é o proprio traductor de Estrabão, Amédée Tardieu, quem nos adverte de não ter seguido os textos manuscritos, declarando não saber explicar o sentido de um tal uso.

Com effeito, para os concorrentes áquelle sítio sagrado poderem tão facilmente dar volta completa ás tres ou quatro pedras de cada grupo, é indispensavel admittir que mui pouco volumosas e pesadas deviam ellas ser.

Occorre neste caso considerar que, ou a narrativa de Artemidoro empregou algum termo de sentido duvidoso, ou que algum manuscrito grego não fosse a este respeito sufficientemente explicito.

Ninguém pode affirmar que não existiram outras copias da geographia de Estrabão.

Esses grupos de tres a quatro pedras, que continuamente andavam nas mãos de todos os visitantes, não deixam presumir uma alta concepção religiosa, apesar do grande isolamento em que o seu culto era praticado. O que toda a gente pode sem custo perceber, é que esse culto, como é narrado, nada tinha que ver com os mortos.

Alguns distinctos escritores modernos entenderam que os grupos de tres a quatro pedras não eram mais nem menos que dolmens ou antas, e foi o sabio Barão de Bonstetten o primeiro que aventurou esta proposição, seguindo-se logo posteriormente mais alguns escritores dos que não admittem a infallibilidade dos textos gregos e das suas interpretações.

Eu não affirmo cousa alguma; e comtudo não impugno a interpretação de monolithos dada aos grupos de tres a quatro pedras: neste caso as pedras não seriam movidas á vontade dos visitantes, mas rodeadas² por elles ora num ora noutro sentido, como sinal de veneração.

A região não podia ser mais apropriada ao asylo dos mortos. Os homens que ali deixaram os seus instrumentos de pedra seriam mui verosimilmente os constructores dos monumentos consagrados aos que cessavam de existir. Não podia haver um trato de terra mais resguardado. O constante bravejar das ondas que se arremessam com pasmoso

¹ Veja-se o que disse no vol. I de pag. 96 em deante.

² [No original está *redeadas*, por engano.—J. L. de V.]

estampido contra as rochas firmes; o desabrimento invencível d'aquelle agreste escarpado. Aquella solidão asperrima sem o minimo abrigo em parte alguma, seria porventura muito apta para uma necropole dolmenica, mas não para pousada dos vivos. A população correspondente deve ter vivido em sitio mais apartado e provido de benignas condições.

Se julgam que me aparto um tanto da significação da versão de Tardieu, não deve isso causar assombro, porque o proprio Tardieu e outros interpretes do texto sempre tiveram duvidas acêrca do sentido que deve ter este pouco verosimil trecho referido por Estrabão¹.

Seja porém como fôr, é certo que a região do Promontorio Sagrado tem de ser considerada como estação humana desde tempos remotissimos. Esta, ao menos, transmittiu á posteridade o nome que lhe deram.

Cumpr-me finalmente advertir que, visitando cuidadosamente a região do Cabo, não descobri um unico vestigio de construcção megalithica. Não me causou admiração. Os terremotos e as outras causas que destacaram da terra firme enormes penedias, de que ainda se observam não poucas espalhadas no mar, poderiam ter destruido e arrasado qualquer construcção dolmenica, e quanto material estivesse por ali esparso, seria sem duvida alguma aproveitado nas baterias, na igreja e no convento, que ha poucos seculos se construíram.

*

Passando agora para a circumscrição de Lagos, em toda a parte vemos o elemento neolithico, o das cidades prehistoricas posteriores, e a serie não interrompida dos invasores historicos.

Nada porém de hypotheses: forçoso é dizer que a vasta circumscrição de Lagos não foi explorada em devida regra, como com tanta utilidade scientifica devera ter sido; apenas fiz um reconhecimento de inspecção nos logares que levava indicados como sédes de varias antiguidades; pois só essa exploração, querendo-se levar até o flanco direito do rio de Portimão, tomaria tres a quatro vezes mais tempo do que levou o reconhecimento geral para o levantamento da carta archeologica do Algarve.

Eu não posso designar o appellido d'esses Celtas que de Lagos chegaram á Serra de Monchique, nem mesmo d'aquelles que se alastraram com muita densidade até ao flanco direito do rio de Portimão.

¹ [Nas *Religiões da Lusitania*, vol. II, pag. 199-211, me occupo, com algum desenvolvimento, das lendas do Cabo.—J. L. de V.]

Dizem que os crânios por ali encontrados em sepulturas são compridos; o que apenas deixa presumir que typo dolicocephalo seria o da grande população que ali vivia nos tempos prehistoricos ¹.

Não me causaria porém a minima admiração, se nas sepulturas apparecesse o typo brachycephalo, já antiquissimo nesta zona de terra portuguesa, cuja ascendência, neste territorio, perde-se por entre as trevas dos tempos quartenarios; pois chego a convencer-me de que os dois typos ethnicos, propriamente occidentaes, seriam observados com frequencia, se as escavações tivessem tomado outras porporções mais amplas. Nos monumentos neolithicos da Torre dos Frades (Cacella) appareceram tres crânios com os seguintes indices cephalicos: 77.83, 75.80, 80.59. Já se vê que o Algarve não estava absolutamente privado do typo brachycephalo.

*

É mister agora indicar um largo trato de terra sobremaneira pasmoso pela densidade de caracteristicos prehistoricos que o occupam. É todo aquelle que fica entre a ribeira de Odiaxere e a de Boina, comprehendendo as de Arão, do Farello, do Verde, e as aguas de Alvor. Ali se encontra a serie prehistorica, succedida das invasões historicas.

Parece poderem-se ali entrever dois grandes centros de população, um occupando todo o trato litoral maritimo, e outro, muito mais ao norte, caracterizado por uma sumptuosa necropole de notabilissimos monumentos (veja-se o vol. III d'esta obra), no sitio de Alcalá, onde ao mesmo tempo ainda se distinguem certas cavernas artificiaes denotando recintos de habitação.

Basta observar as cartas para prontamente se perceber que desde a ultima idade da pedra até á epoca mahometana a população foi constante entre aquellas fertilissimas ribeiras, que não só seriam o encanto dos olhos dos seus moradores, como perenne manancial dos confortos da vida.

Aquelles architectos dos monumentos, que viviam retirados bastantes kilometros da raia maritima, recebiam ainda assim abundantes mariscos, certamente em troca de outros productos das suas industrias. Deve ter havido entre elles alguns de grande abastança e alta hierarchia, se tivermos em vista os enormes monumentos em que foram de-

¹ [Comprehende-se que esta observação não tenha nenhum valor, pois que se baseia em informações dadas a Estacio por pessoas incompetentes.—J. L. de V.]

positados com suas excellentes armas de guerra, instrumentos de trabalho, tanto de silex como de cobre, e varios adornos.

Elles colligiam tudo quanto naquelles tempos se pudera considerar melhor; alem das numerosas e variadissimas frechas, possuiam as mais robustas facas de silex, entre as quaes appareceu uma que é a maior de que ha noticia na Europa, e alem d'isto já se adornavam com enfeites de ouro e contas de calaite. (Vejam-se as estampas e descrições no vol. III).

*

A população compacta, que já vimos entre a ribeira de Odiaxere e a do Boina, segundo parece, não se limitava a viver estacionaria, tanto mais havendo a curta distancia poderosos incentivos de trabalho e riqueza.

Basta ter presente a carta paleoethnologica para immediatamente se ver a direcção, essencialmente significativa, que aquelle povo traçou, abrindo um novo trajecto. Tudo foi correndo no sentido de Silves e da Serra de S. Bartolomeu de Messines em busca do cobre, que aquelles mineiros e fundidores já sabiam explorar e fabricar, como se viu na necropole de Alcalá.

A corrente exploradora foi sempre acompanhando a mina de Santo Estevam e a do Picalto: ahi estanciou e com tal fixidez, que a curta distancia foi tambem construindo as suas necropoles, advertindo que tudo isto se passava numa epoca em que ainda imperava o uso dos instrumentos de pedra, como bem o indica a carta dos tempos pre-historicos. Confronte-se agora esta com a dos tempos historicos, e ver-se-ha que novas populações ali affluiram, a contar da epoca romana.

*

Temos em seguida um outro centro mineiro de attracção, a que acodem os braços exercitados com os instrumentos de pedra.

É a famosa mina de cobre da Atalaia, mais geralmente conhecida por mina de Alte, já descrita no volume terceiro d'esta obra, onde mostrei que começou a ser lavrada na ultima idade da pedra. Lá se descobriu tambem a necropole dos mineiros no sitio da Fonte Santa; e d'ali ainda foram marchando até á outra mina da Vendinha, onde se póde agora parar um pouco para se poderem traçar duas correntes de população, seguindo uma a nordeste por toda a região mineira do alto Algarve e permanecendo a outra em todo o litoral marítimo.

É nesta zona inferior que deve ter havido um grande centro de população, como deixam perceber os criterios locais; pois ahi algures vem ainda dos tempos romanos um nome de cidade, que então ainda existia, mas que não é latino nem grego, e sim indigena. Antonino chama-lhe *Esuri* e eu li num meio-bronze, pertencente á minha collecção¹, em vez de *ESVRI*, — *BÆSVRI*, escrito em pouco aprimorados caracteres romanos.

É sobremodo significativa esta moeda de dupla symbolologia, apresentando no anverso, entre duas espigas, o nome da cidade, e no reverso, sobre um peixe, porventura as abreviaturas do nome, ou nomes dos magistrados que a mandaram cunhar. Ajusta-se pois de um modo assaz especial tanto uma como outra symbolologia, por isso que a cidade, pela sua situação (?), participava ao mesmo tempo das riquezas da terra e do mar. O Sr. de Lauriere apresentou estampas perfeitas d'esta medalha á *Sociedade Nacional dos Antiquários de França*, e foi estampada no *Bulletin* do 2.º trimestre de 1883, pag. 101.

Resta ainda saber se, chegando o nome de *Baesuri* ao tempo romano e sendo escrito em caracteres latinos, não soffreu alguma alteração, ainda peor da que lhe fez Antonino, chamando-lhe *Esuri* no *Itinerario*².

Alguma cousa já tenho feito na grande área que vae do litoral marítimo desde as praias de Cacella até á villa de Castro Marim; mas, com referencia ao que falta, póde-se dizer que ainda está quasi tudo por fazer. Deve-se esperar que, se para a governação d'este país forem no futuro preferidos aos politicos furibundos verdadeiros homens de sciencia, os estudos archeologicos começarão a adquirir a importancia que lhes hão usurpado até hoje, e d'este modo muito ha a esperar das explorações archeologicas.

¹ Esta preciosa moeda mostrei eu em Faro ao Dr. Justino Cúmano, insigne collector de muitos milhares de padrões numismaticos, em occasião de retirada para a minha casa de campo. Mostrou-se o Dr. Cúmano muito interessado por um tão raro exemplar, e suppôs que com algum trabalho poderia decifrar as abreviaturas do anverso: instei com elle para deixar a moeda, a fim de poder estudá-la á sua vontade, e retirei-me. Quando voltei a Faro estava o Dr. Cúmano muito doente, e a doença cresceu a ponto de lhe cortar a vida. Passado muito tempo fiz esta exposição a seu filho, actual collector, reclamando o meu exemplar, mas até esta data não obtive resposta. [Empreguei todos os esforços possiveis para evitar que esta nota se publicasse; mas nada consegui. Voltarei brevemente ao assunto, em artigo especial. — J. L. de V.].

² [Acêrca da moeda de *Baesuris* vid. *O Arch. Port.*, v, 17-24. — J. L. de V.].

Então o apparecimento de monumentos virá resolver muitas duvidas e esclarecer a verdade, que os scismaticos julgam ter já achado na sua imaginação.

Já se reconhece pois a importancia que acompanha toda a região que corre do litoral maritimo de Cacella até ao norte de Castro Marim.

*

Quanto ao resto da população, olhe-se para a carta e ver-se-ha que seguiu quasi rigorosamente no rumo das minas até os confins do concelho de Alcoutim, e que é nessas estações mineiras que se acham as necropoles da idade do cobre.

*

Feita esta revista, fica-se entendendo que desde a ultima idade de pedra até a primeira idade do ferro o territorio do Algarve esteve sempre habitado. Invasões estrangeiras não as houve, porque os caracteristicos industriaes são os mesmos em toda a parte. Houve apenas a innovação da industria do cobre, introduzida pelos mesmos habitantes que viviam na ultima idade da pedra. O typo dos mais antigos instrumentos de cobre é de tal modo original, que não ha vê-lo noutro qualquer ponto da Europa ou da Asia¹.

Finalmente, chega-se á conclusão de ter havido entre as populações, desde o neolithico até á primeira idade do ferro, um certo numero de centros de habitação, mais ou menos importantes, que na linguagem indigena teriam certamente o nome de cidades ou qualquer outro.

Que esses nomes existiram, não ha duvida alguma, e quando pudessemos havê-la, relativamente a alguns, bastaria citar *Lacobriga*, *Ossonoba* e *Basuri*, que ninguem affirmará que sejam de origem grega ou latina, mas de todo o ponto local. Já se vê que cada um dos grandes centros de população tinha um nome pelo qual se distinguia dos outros; muitos d'esses nomes perderam-se e de outros restam incompletas reminiscencias, que só poderiam salvar-se e recompor-se se futuras explorações archeologicas produzissem monumentos que os patenteassem á luz da historia. A philologia não tem aqui entrada.

¹ [Claro está que por eu publicar este trabalho de Estacio da Veiga, embora, como declarei, supprimindo trechos, não tomo a responsabilidade das affirmações que elle faz.—J. L. de V.]

Vamos agora fazer umas apurações relativamente aos principaes logares indicados como habitação nos tempos prehistoricos, para se ver que sobre todos elles pesa o audacioso elemento romano, e d'este modo reconhecer-se que, não obstante já imperar a epoca historica, nem por isso ficámos sabendo mais alguma cousa, porque muitos logares ha largamente occupados pelos Romanos, como se observam na carta de archeologia historica, cujos nomes inteiramente se perderam, sendo depois exuberantemente suppridos por uma chusma, a que dizem ter-se desencadeado da Asia com diversas denominações, que se lançou faminta e arrogante sobre esta amenissima terra do Occidente, onde nunca tanto selvagem tinha penetrado. Eu é que tenho a satisfação de não querer nomeá-los, porque apenas julgo dignos de fé perante a historia os que se podem comprovar com monumentos á vista. As moedas indigenas, quando cheguem a ser lidas de modo que não sofram duvidas, poderão contribuir um tanto para restituir á geographia antiga da Peninsula muitas revelações geographicas.

Eu julgo que as mais antigas mesclas soffridas pela ethnologia peninsular seriam as phenicias e gregas, mas isso numa data superior á de 1:500 annos antes de Christo; o que equivale a inscrevê-las numa phase adeantada da primeira idade do ferro em relação ás nações mediterraneas.

A lição dos autores antigos de maior conceito parece abonar a existencia na peninsula d'esses dois elementos ethnicos, e do mesmo sentir são quasi todos os escritores modernos.

A este respeito expende Alexandre Herculano as suas opiniões nestes termos:

«Quando os Carthagineses entraram na Peninsula, não só as duas raças mais antigas, os Iberos e Celtas, se achavam confundidas nos territorios centraes, mas os das orlas de mar, e ainda os Celtas e Celtiberos do sertão, se tinham misturado com os Phenicios e Gregos, principalmente com os primeiros, cuja influencia na população foi tamanha, que ficou predominando até hoje no país o nome *Sepania* de *Sepan* que elles lhe puseram. De feito, os Phenicios se haviam apossado da melhor parte da Hespanha em tempos anteriores a Homero, emquanto as colonias gregas se estabeleciam em diversos pontos maritimos, nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fozes»¹.

¹ *Historia de Portugal*, tomo 1, pag. 16-17. Alexandre Herculano confundiu os primeiros Phenicios com os de Carthago. Esta cidade só muitos seculos depois foi fundada.

Já se vê que tal gente, trazendo uma feição especial nas cousas da vida, deve ter ficado caracterizada nas regiões da sua habitação. As explorações archeologicas porão um dia á vista os seus caracteristicos.

Esses estranhos elementos parece-me porém não terem actuado no Algarve, porque em nenhuma das minhas explorações achei objecto de feição estranha á do conjunto geral. É certo que não pouco reparo fiz sobretudo numas louças grosseiras de grande espessura, de que achei fragmentos em varios sitios, e ainda enterrada, mas feita pedaços, uma grande talha num serro de Silves.

O que não deixa duvida de ter havido mui antigas e sumptuosas construcções anteriormente á definitiva occupação romana, é ter eu achado em paredes romanas algum material faceado de regular apparelho, de entre o qual extrahi, do centro de uma parede, um fragmento bastante pesado de uma columna de marmore lanelar azulado, como se pode ver no Museu do Algarve.

Parece-me ter mostrado, quanto ao meu alcance estava, a lenta e quasi imperceptivel evolução que houve na passagem de umas para outras idades, e que a transição dos tempos prehistoricos para os historicos não se operou de outro modo.

Registados estes apontamentos, pelos quaes se reconhece em toda a zona do Algarve uma civilização antiga e vigorosa, vou agora occupar-me dos tempos historicos.

(*Continúa*).

ESTACIO DA VEIGA.

Bracara Augusta

Dos abundantes frutos colhidos nos meus trabalhos de investigação archeologica, dão testemunho seguro numerosas inscrições lapidares ineditas que nos meus pobres escritos tenho denunciado aos estudiosos da especialidade; mais productivos seriam, por certo, estes meus trabalhos se, da parte de quem póde, eu tivesse recebido os estimulos que em casos d'esta ordem se não dispensam.

Gastar o tempo, a saude e o dinheiro e não encontrar ao cabo de tantos sacrificios quem se disponha a proteger esta obra de renascimento do mundo antigo, é triste, profundamente triste!

Valha-nos ao menos este prazer que se experimenta com a leitura e estudo dos caracteres antigos reveladores de factos curiosos succedidos em tempos assaz remotos.

No proximo passado Agosto appareceram duas inscrições romanas no rebaixo do pavimento terreo da loja do lagar da Quinta do